

GUARDIÃS DAS TRADIÇÕES: MULHERES DA PESCA EM ARRAIAL DO CABO - RJ

Natália Soares Ribeiro^{1} & Giovane do Nascimento¹*

RESUMO

RIBEIRO, N. S.; NASCIMENTO, G., Guardiãs das tradições: mulheres da pesca em Arraial do Cabo - RJ. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.10, n.29, p. 20-33, 2020.

O artigo apresenta uma discussão sobre o papel das mulheres na perpetuação das tradições culturais da pesca artesanal no município de Arraial do Cabo (RJ), principalmente no que concerne às ações vinculadas à gastronomia e à arte. O trabalho foi desenvolvido a partir da entrevista semiestruturada com a presidenta da cooperativa “Sol, salga e arte” e também por meio das técnicas de observação participante junto aos trabalhadores da pesca artesanal no município, tendo como

eixo central as relações de gênero dentro da atividade pesqueira. São apresentados, portanto, os resultados de investigações decorrentes do trabalho de doutoramento da pesquisadora, que apontam para o papel central, embora muitas vezes “invisível”, das mulheres da pesca como transmissoras de um saber informal que garante a própria preservação da cultura pesqueira, desenvolvendo o papel de “guardiãs das tradições”.

Palavras-chave: Pesca; Arte; Gênero ; Cultura.

GUARDIANS OF TRADITIONS: FISHING WOMEN IN ARRAIAL DO CABO-RJ

ABSTRACT

The article presents a discussion on the role of women in the perpetuation of cultural traditions of artisanal fishing in Arraial do Cabo (RJ), mainly with regard to actions related to gastronomy and art. The work was developed from the semi-structured interview with the president of the cooperative “Sol, salga e arte” and also through participatory observation techniques with artisanal fisheries workers in the municipality, having as a central axis

the gender relations within the activity fishing. Therefore, the results of investigations resulting from the researcher's doctoral work are presented, which point to the central role, although often “invisible”, of women in fishing as transmitters of informal knowledge that guarantees the preservation of fishing culture itself, developing the role of “guardians of traditions”.

Keywords: Fishing; Art; Gender; Culture.

¹ Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF-- Av. Alberto Lamego, 2000, Parque Califórnia, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28013-602, Brasil.

(*) e-mail: natysoaresribeiro@hotmail.com

Data de recebimento: 21/09/2020. Aceito para publicação: 05/10/2020. Data da publicação: 27/11/2020

1. INTRODUÇÃO

Arraial do Cabo é um município organizado e estruturado simbólica e materialmente a partir da pesca. A pesca permeia o senso comum como uma atividade exclusiva de homens, sendo o trabalho da mulher considerado de menor importância ou secundário. Mesmo os textos que abordam a pesca artesanal e auxiliam a descrever o funcionamento desse modo de vida o fazem pela ótica economicista, tratando as comunidades de pesca artesanal pelas atividades produtivas, como se essa (a pesca) se mantivesse exclusivamente pela retirada do pescado e comercialização dele. Autoras feministas passaram a mencionar a necessidade da adoção do gênero e ressaltaram que pensar o trabalho feminino era de suma importância para compreender como se dava a manutenção dessas comunidades. Assim, a esfera reprodutiva (trabalho desempenhado principalmente pelas mulheres), bem como o trabalho da mulher na pesca passaram a ser englobadas nos estudos, ainda que em menor quantidade em relação aos estudos dedicados aos fazeres masculinos.

Souza, Ribeiro e Martinez (2019) ao fazerem o levantamento dos estudos dos últimos 11 anos (2007-2017) sobre mulheres na pesca em Teses e Dissertações consideram que eles cresceram se comparado ao final da década de 1960 e 1970, quando o conceito de gênero adentrou as academias (WOORTMANN, 1992) e foi realizado um grande esforço nas ciências humanas sobre estudos da pesca. No entanto, representam um número muito inferior àqueles que abordam apenas os homens. Foram encontrados apenas 45 trabalhos com as buscas empregadas no banco de teses e dissertações da CAPES (9 teses e 26 dissertações) e google acadêmico (10 dissertações).

Esses trabalhos são de fundamental importância para compreender como se dá a perpetuação da cadeia produtiva da pesca. No entanto, a análise que ora se apresenta difere desses textos, apresentando uma originalidade relativa ao interesse de abordar o fenômeno das expressões culturais da pesca pela ótica da arte e da gastronomia, entendendo-as como significantes da vida, da identidade de um grupo. Privilegia-se, assim, valores, signos, símbolos, imaginário, representações como elementos de análise e de importância na construção de estratégias e ações dos atores sociais na sustentação de seu modo de vida. E, nesse quesito, o trabalho das mulheres como transmissoras de um saber informal, por meio da oralidade e dos próprios gestos é de suma importância, daí chamá-las de “guardiãs da tradição”.

As mulheres da pesca em Arraial do Cabo, principais interlocutoras da pesquisa, dedicam-se à preservação das tradições por meio da construção de cooperativas que valorizam o trabalho feminino. Trabalho este voltado para a gastronomia: alguns pratos são ressignificados e há o desejo de retomada de algumas práticas tradicionais. Por isso, este artigo dará atenção especial as práticas gastronômicas e à arte, dividindo-se em duas seções para a apresentar os resultados e discussões: a primeira que traz contribuições teóricas que envolvem esses fazeres, bem como sua relação com a arte e a cultura da pesca; e a segunda seção, que se destina a trazer as observações do campo e a entrevista com “Cleusinha”, presidenta da cooperativa “Sol, Salga e Arte”.

2. METODOLOGIA

Este trabalho reivindica uma ciência das práticas e fazeres cotidianos, na medida em que volta o olhar para os espaços de resistência da pesca artesanal, ou seja, busca compreender como surgem e se manifestam as reinvenções para que o modo de vida artesanal sobreviva e se mantenha. E, principalmente, analisa o quanto as mulheres contribuem para

isso por meio da arte e da gastronomia.

Para isso, da-se crédito aqui neste item “As artes de fazer” a partir de Michel de Certeau (2014, p. 29), que estabelece a metodologia e a fundamentação para o estudo do cotidiano. Em seu livro há uma especial atenção a Wittgenstein, autor que auxilia na compreensão desses fazeres, desenvolvendo uma “épura filosófica para uma ciência do ordinário”. Trata-se de buscar a compreensão pelo lado que nomeia de “consumidores”, ao contrário de chamá-los de “Dominados”. Sua motivação é por assim dizer:

Descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela (rede de vigilância): que procedimentos populares (também minúsculos” e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los, enfim que “maneiras de fazer” formam a contrapartida do lado dos consumidores dos processos mudos que organizam a ordenação política (CERTEAU, 2014, p. 40).

Para esses estudos (do cotidiano) importa entender que “maneiras de fazer” são as práticas utilizadas pelos atores sociais em seus contextos e pelas quais reapropriam o espaço realizando “técnicas de produção sociocultural”. Assim, significa pensar a cotidianidade como forma de possibilidade, dada a criatividade dos seus atores e suas formas de ação, podendo essas práticas alterar o funcionamento das estruturas tecnocráticas. Em outro sentido, não é a análise, como diz Certeau (2014), de como a violência se converte em tecnologia disciplinar, mas como as “bricolagens”, táticas diferenciadas transformam as redes de vigilância. Trata-se, sobretudo, de compreender a antidisciplina a partir das relações entre os atores sociais do cotidiano. Eis aqui, o tema do livro de Certeau (2014), a antidisciplina!

Com o objetivo de analisar a presença feminina, suas estratégias de ação e seus papéis nas atividades culturais, vinculadas à pesca artesanal, bem como compreender como essas expressões culturais são representadas e os sentidos atribuídos pelos atores sociais na cidade de Arraial do Cabo, a pesquisa de doutorado, que ora se faz um recorte, foi subdividida em 5 etapas, sendo utilizados procedimentos metodológicos qualitativos.

A primeira consistiu no aprofundamento da revisão bibliográfica. Foram realizados estudos e leituras acerca das expressões culturais pesqueiras, bem como de Políticas Culturais, Identidade, Arte que pudessem fortalecer o quadro teórico e dar subsídio à investigação e participação na realidade social.

Posteriormente, a pesquisa auxiliou no mapeamento dos tipos de expressões encontradas em Arraial do Cabo, identificando as localidades de pesca onde essas são praticadas. Para isso, utilizou como base a metodologia inspirada no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de inventários participativos para identificar e catalogar as referências culturais da pesca. A pesquisa utilizou essa metodologia para dar suporte aos conhecimentos tradicionais da pesca, relacionados às sonoridades, artesanato e gastronomia.

As demais referências levantadas pelos pescadores e pescadoras relativas à arte da pesca passou a compor, então, um mapa das referências culturais. O documento que respalda essa atuação chama-se manual de aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC/2000). É um instrumento que, por meio da participação direta dos atores sociais envolvidos na pesquisa, permite catalogar e identificar suas percepções e valorações acerca de seus patrimônios culturais. Também, foram aplicadas algumas fichas com base no modelo fornecido por este instrumento, como as fichas de formas de expressão, identificação e território. As fichas contêm uma orientação para a aproximação dessas comunidades e

funciona como um roteiro de entrevista semiestruturado para a identificação e entendimento desses patrimônios. A partir disso, foram iniciadas as imersões no campo, dando início às observações participantes, conforme propõe Bauer e Gaskell (2010).

O INRC incorpora o debate social e espelha de forma mais democrática as discussões acerca dos bens culturais que o IPHAN pode resguardar, tudo isso a partir do olhar do grupo social, principalmente após a constituição de 1988. É a busca de incorporar as referências culturais como fomentadoras de Políticas de Patrimônio. O recente debate alerta para o valor, também simbólico, do patrimônio cultural e não apenas o material, como construções históricas. Ao mesmo tempo, delega aos atores sociais inseridos nos contextos o poder de caracterizar e definir seus bens culturais, ou seja, inaugura uma nova forma de defesa do patrimônio e alarga essa definição.

A terceira etapa consistiu em realizar as observações das expressões culturais pesqueiras, seus símbolos e os significados que elas adquirem para os atores sociais participantes, principalmente, para as mulheres. Essa etapa contou, também, com a aplicação das fichas, citadas acima. Nesse sentido, foram realizadas sucessivas aproximações às localidades onde se desenvolvem tais expressões culturais e de seus atores, para consolidar elo de confiança que permita a realizar as análises devidas da realidade. Isso pressupõe uma descrição densa (GEERTZ, 1997) dos modos de vida e contextos onde esses se inserem. Dessa forma, o diário de campo, permitiu a construção dos relatórios mensais, que contou com as observações constantes.

O quarto procedimento metodológico foi realizado junto às observações dos contextos onde se inserem essas expressões e de suas simbologias, consistindo em entrevistas com os participantes das mesmas. Buscando compreender os modos de vida, os sentidos atribuídos às expressões, a questão identitária, entre outras de quem pratica tais atividades, possibilitando uma descrição detalhada que trouxe elementos significativos para as análises desta pesquisa. Nesse sentido, tais entrevistas foram realizadas de forma semiestruturada, contendo, portanto, um roteiro de modo que se pudesse garantir um norte na abordagem e estivesse vinculada aos objetivos da pesquisa. Por vezes, as entrevistas ocorreram de forma livre. Era solicitado que as/os entrevistadas (os) relatassem um pouco da sua história com a pesca, a gastronomia e a arte. Também foram realizadas entrevistas com mulheres cooperativadas, buscando compreender seu papel por meio destas associações e se sua participação enquanto cooperativada lhes conferiria um caráter político, ressignificando suas estratégias de ação.

A atual etapa da pesquisa, sistematização e análise dos dados, possibilitou a construção deste artigo cujo enfoque está direcionado para o papel das mulheres na perpetuação das tradições, das práticas e dos valores da pesca artesanal por meio de instrumentos como a gastronomia e a arte. Trata-se, por conseguinte, de um recorte da pesquisa de doutoramento que volta-se para o trabalho das mulheres da pesca, que, apesar de muitas vezes invisibilizadas, garantem a perpetuação da cultura da pesca artesanal no município de Arraial do Cabo – RJ.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. A Cultura Artesanal da pesca

A pesca artesanal é uma das atividades mais antigas no mundo, estando no Brasil atrelada aos fazeres indígenas (antes mesmo da chegada dos portugueses), recebendo também influências dos portugueses e principalmente dos africanos, conforme afirma Silva (1993), o

que o leva a caracterizar a existência de uma cultura da pesca marítima à brasileira. Cultura é entendida no presente trabalho como “uma teia de significados”, tecida pelos próprios atores sociais em contextos próprios (GEERTZ, 2008). Fazem parte da cultura os modos de vida, os gestos, as linguagens, as simbologias, crenças, valores e todas as formas de expressões.

Dentro do modo de exploração capitalista a pesca adquire a modalidade industrial, cujas posses dos meios de produção se encontram vinculadas à uma empresa capitalista, com uma forma de organização vertical indo da pré-captura (a confecção dos petrechos de pesca, embarcação, insumos) até a venda e industrialização do pescado, bem como seu beneficiamento. Algumas funções passam a ser remuneradas salarialmente, como a do motorista do barco e do gelador, enquanto algumas outras, entre essas a do próprio pescador, são pagas com parte da produção. Além disso, nesse modelo de pesca há a introdução acentuada e danosa dos equipamentos tecnológicos nas atividades pesqueiras, como sonar, radar, ecossonda e a infra-estrutura do barco passa a exigir capacidade para tonelagem. A pesca industrial limita o saber-fazer do mestre-pescador tradicional, que com sua experiência e conhecimento popular aprendeu a controlar os ciclos da natureza, a percepção dos cardumes, entre outros (DIEGUES, 1995).

Assim, a cadeia da pesca artesanal é constituída de inúmeras atividades que vão desde a pré captura, até a limpeza do pescado e a comercialização. Nessas atividades, majoritariamente, a família se divide em torno da mesma. Como em toda sociedade, de forma geral, aqui também se manifesta a divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2009). As mulheres se dedicam, principalmente, aos trabalhos em terra ou a mariscagem e também ao beneficiamento do pescado, enquanto os homens a captura.

A divisão sexual do trabalho é uma “uma forma divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos” (KERGOAT, 2009, p. 67). É adaptada e absorvida por cada sociedade de forma diferenciada, mas tal conceito que adquiriu a partir dos estudos feministas estatuto de categoria analítica, demonstra que as relações entre homens e mulheres não se dão de forma complementar, mas com assimetrias e hierarquia de poder, ou seja, trabalho masculino tem mais valor social e, por isso, o feminino lhe está subordinado.

Falar de uma cultura da pesca marítima e nesta compreender o trabalho feminino por meio da arte, capaz de garantir a coesão às comunidades de pesca artesanal pressupõe a lembrança de que identidade e cultura guardam íntima relação. Assim, ambas se encontram em permanente modificação e assimilação de novos valores e significados. Identidade cultural significa ter o sentimento de pertencimento e reconhecimento dos aspectos de dada cultura. Da mesma forma é importante pensar que valores e crenças assumidos num contexto atual são capazes de influenciar na receptividade de determinada expressão artística.

Sabe-se, então, que a identidade é um elemento chave da realidade social subjetiva, e como toda realidade subjetiva está numa relação dialética com a sociedade. A identidade é formada através de processos sociais. Uma vez formada, é mantida, modificada ou tem uma nova remodelagem provocada pelas relações sociais (BEGER; LUCKMANN, 1985, p. 228).

Juntamente com a discussão de identidade, em relação dialética com a sociedade e os processos intersubjetivos das comunidades de pesca cabe tratar, sumariamente, do conceito de pertença. As comunidades de pesca são consideradas pelos atores sociais não apenas por suas práticas, mas pela sensação de pertença. E “pertencer não é apenas ser, mas estar no mundo. É ser e estar em um mundo específico que se reconhece como o seu lugar de origem e a partir disso pode-se reconhecer a si mesmo como pessoa e os outros” (KOURY, 2001, p. 133).

Para Koury (2001) só se reconhece o individual por meio do coletivo, o eu pelo nós. É a vivência do eu no mundo comum, com um intercruzamento de tempo e espaços comuns com outros eus. É nesse espaço que se cria a réis (coisa)/esfera pública partilhada pela comunidade: os diversos “mapas” que os próprios sujeitos estabelecem formam a cultura e a sociabilidade no espaço. Essa construção é ao mesmo tempo simbólica e imaginária, se dá também pelo retorno e lembrança de um passado comum, semelhante. Rememorar o lugar de origem é enraizar-se. Para o autor enraizar-se não é aprisionar-se, mas autonomizar-se: estar no mundo é ter um lugar, se sentir pertencido a um lugar.

Ainda segundo Koury (2001) a modernidade tem ocasionado o isolamento dos atores da esfera pública comum e solidão na esfera privada, por meio da objetificação das relações sociais, da mercantilização da vida, do estabelecimento das coisas em detrimento dos sujeitos. Ela causa a apartação do público e privado e tal situação só pode ser modificada com o retorno do pensar e redescobrimto do sentimento de coletividade para o construto dos interesses que são coletivos. As entrevistas na pesca demonstram bem esse sentimento de busca coletiva, de reconhecimento comum, a busca pela coisa pública, sociabilidade pela valorização das tradições e do imaginário. A pesca artesanal ainda resiste, embora toda a mercantilização da vida.

Em seu texto “O Imaginário: a criação no domínio social-histórico”, Castoriadis (2002) aborda, inegavelmente, as contribuições do homem em relação à cultura e desta para com ele. Os atores sociais ao passo que são instituídos são também instituintes da própria sociedade. Os valores transmitidos aos indivíduos participantes de uma cultura, responsáveis pela manutenção da conexão com as tradições, também participam das formas de coesão de uma sociedade e, portanto, da permanência de uma cultura. Assim, nossa hipótese é que as expressões artísticas (simbólicas ou não) dão coesão e significância às comunidades estudadas e ressignificam, também, o papel feminino.

Castoriadis (2002) confere especial atenção aos imaginários sociais históricos, na medida em que eles ajudam a formulação dos “magmas das significações”. Magmas porque fluidos e vivos que dão sentido à existência no mundo, sendo construtos humanos materiais e simbólicos. Guerra (1993) alega que essa categoria é de suma importância para a elaboração das estratégias de resistência e ação dos atores sociais, porque guarda um caráter prospectivo, que se lança ao futuro sem esquecer do passado. Assim, “é essa ultrapassagem que torna o imaginário tão transgressor, tão prospectivo e precursor da sociedade do amanhã” (p.67). Nesse sentido, o imaginário está vinculado a uma racionalização da ação social enquanto intenção criadora, sendo capaz de ultrapassar o real para dar significado e significante às possibilidades e ao que é permitido desejar.

A arte, bem como o conceito de imaginários é de fundamental relevância do desenho que ora se apresenta, ela é considerada, também, um estruturante da vida. É por meio dela que o homem trabalha a natureza ao seu entorno e a si próprio. Ernst Fischer (1987) em “A necessidade da Arte” alega que ela permite que os seres acessem sua dimensão humano genérica, o seu eu coletivo e faz abstrair o individualismo. Além disso, a arte é sempre mistério e guarda a possibilidade de transformação, anunciando a chegada do novo, a arte molda os próprios seres. Assim, se modificam percepções e consciência, fazendo modificar o mundo ou a vida.

Em artigo recém-publicado no livro “Pescarte: arte e vida/trabalho e poesia”, Nascimento et al. (2019) relacionam o trabalho artístico nas expressões da pesca à constituição e formação do próprio ser, compreendendo a arte como uma forma de

exteriorização que confere sentido à existência. Tais expressões resultam da relação sujeito e meio ambiente, assim, a arte pesqueira se refere às criações e recriações de pescadores, mulheres da pesca resistentes aos ditames de uma indústria cultural que objetiva a padronização da vida. Aqui está em jogo o sentido de ser no mundo. A arte é um elo que liga o ser individual ao coletivo.

No reconhecimento dos saberes e fazeres vinculados ao artesanato, gastronomia e sonoridades em Arraial do Cabo foram identificados por meio da pesquisa inventariante, citada no artigo, o predomínio dos homens nas atividades que envolvem conserto e construção de embarcações, também chamados de mestres barqueiros; já as bijoias, rendas de bilros e pratos típicos, como peixe escalado com banana (peixe seco e salgado), pirão de banana, camarão casca e nó (feito com casca), mulato velho e novas culinárias, como linguça de peixe, fishburger, entre outras, localizam, principalmente, o trabalho das mulheres. Em relação às sonoridades foram ouvidas lendas como a do chaco em Arraial do Cabo que nas noites de lua cheia se transformava em Lobisomem, as poesias do senhor Manoel Teixeira, pescador da Praia Grande, e também o trabalho do coral mareArte para reavivar as tradições do município de Arraial do Cabo (NASCIMENTO et al. 2019). Além disso, as tradicionais festas que já não ocorrem mais e faziam parte ativamente da vida das comunidades de pesca, como Bumba meu boi, blocos de carnaval, festa da fita, luaus com viola, entre outras.

As entrevistas demonstraram que todos os que recorreram à arte da cadeia da pesca artesanal a buscou para que esta continue a existir, por meio de suas simbologias, pois elas garantem o sentido da existência, o ser pescador no mundo. O gênero, como categoria de análise, mostrou que o trabalho das mulheres por meio da arte é de extrema relevância para entender a manutenção da pesca artesanal. Assim, como interlocutora principal da pesquisa apareceu a figura da Cleusinha, na medida em que consegue fazer as correlações e identificar onde e quem poderia nos apresentar os bens culturais da pesca no município, ao passo em que luta para defendê-los. Também, as mulheres da cooperativa “Mulheres Nativas”, localizadas na Praia Grande, principalmente a figura de Conceição Margareth e Zenilda, sua tia e presidente da cooperativa, são relevantes dentro desse escopo. Todas essas se localizam, primordialmente, no âmbito da gastronomia e por isso esse assunto merecerá destaque.

3.2. Fazeres Gastronômicos: arte e o feminino

Importa agora refletir as práticas e as artes do fazer culinário, onde se encontram, majoritariamente, as mulheres da pesca de Arraial do Cabo na defesa desse saber. Assim, é relevante a discussão proposta por Luce Giard (2013), que trabalhou com Certeau e aplicou sua metodologia na compreensão das práticas cotidianas que envolvem o cozinhar, analisando as entrevistas de mulheres e seus cotidianos.

Segundo Giard (2013, p. 218) “as práticas culinárias se situam no mais elementar da vida cotidiana, no nível mais necessário e mais desprezado”. O estudo dessas trata da retomada e exposição de um saber em que a tradição e a inovação se misturam, em que o presente e passado se articulam para trazer a alegria de um instante. Muitos consideram que a culinária é desprovida de inteligência, de criatividade e ela demonstra o extremo oposto. Que a cozinha, além de ser a esfera de um saber milenar, por meio da culinária, traz prazer, felicidade.

Giard ressalta ainda que as práticas, naturalizadas nos gestos, são mais persistentes que palavras e os textos. E esses nunca conseguirão captar a riqueza ou a importância da preservação de uma tradição que se transmite nos gestos. Assim, manter uma tradição viva é

também um processo de busca da repetição dos saberes por meio dessas práticas. Além disso, é uma forma de manter viva as pessoas e seus modos de vida.

Os modos de viver, ou seja, de estar no mundo se traduz nas práticas cotidianas e são o lugar e espaço privilegiado da inventividade, ainda que inscritas na “rede das determinações concretas”, redes econômicas ou de outra ordem. A arte de cozinhar exige não só diversas memórias, como a inteligência programadora. É preciso ter memória de aprendizagem, dos gestos vivos e das consistências ao mesmo tempo em que se calcula o tempo de preparo dos alimentos. É extremamente necessária uma capacidade sensorial na percepção dos odores e texturas. Os sentidos parecem trabalhar em conjunto para além do que é pedido numa receita.

A criatividade se dá de inúmeras maneiras, conforme já mencionado, as mulheres devem ser extremamente criativas ao improvisar e dar nova cara às sobras de outros dias, sendo econômicas. É uma inteligência sutil, uma inteligência comum, desprezada como campo de saber. Realizar uma refeição é “dar forma a um fragmento do real” (GIARD, 2013, p. 220). Assim, quando a cozinha atinge graus de requinte, como nos casos dos grandes chefes, a ação corriqueira e comum é rebaixada ao segundo plano, enquanto a especialização trouxe fama, em sua maioria, a homens. A comida além de demonstrar e simbolizar os costumes de cada lugar, também fala de necessidades e de estratificação social, sendo a referência cultural base, pilar de concretização das relações entre pessoas.

O cotidiano também expõe que a comida traz contrastes que se manifestam entre a luta contra o tempo/ morte e a efemeridade. As refeições são efêmeras, cada invenção é rapidamente consumida e tudo desaparece após ser consumido. No entanto, cozinhar é amar, é nutrir, é lutar contra a morte tanto física, realizando assim a reprodução familiar, quanto simbólica. “Outrora a morte fazia parte da vida e me parece que não era tão terrível” (GIARD, 2013, p. 233). Desse modo, é possível que falemos que comemos as lembranças da infância, a partir da ternura e dos ritos com que os pratos são preparados.

A cozinha também é o espaço de educação sensorial e motora da criança, quando esta observa os gestos da mãe, manipula ingredientes, aprende os nomes e a função dos utensílios, os graus de cozimento dos alimentos diferenciados. Além disso, é também o espaço da intimidade e das conversas, da transmissão de saberes, onde o essencial se manifesta e os gestos são notados, observados e copiados mais tarde.

O trabalho cotidiano das cozinhas continua sendo uma maneira de unir matéria e memória, vida e ternura, instante presente e passado que já se foi, invenção e necessidade, imaginação e tradição – gestos, cheiros, cores, sabores, formas, consistências, atos, gestos, movimentos, coisas e pessoas, calores, sabores, especiarias e condimentos. As boas cozinheiras jamais são pessoas tristes ou desocupadas. Elas trabalham para dar forma ao mundo, para fazer nascer a alegria do efêmero, nunca deixam de celebrar as festas dos grandes e dos pequenos, dos sensatos e dos insanos, as maravilhosas descobertas dos homens e das mulheres que compartilham o viver (no mundo) e o couvert (à mesa). Gestos de mulheres, vozes de mulheres que tornam a terra habitável (GIARD, 2013, p. 297).

A atenção fornecida aos gestos e práticas cotidianas na esfera da vida comum devem servir para descortinar o espaço reservado às mulheres e contribuir, por isso, na valorização das artes de cozinhar, como um trabalho que de invisibilizado e desprovido de valor passa a ser contributo da própria construção do mundo, combinando inteligência e criatividade, memória e matéria. Ao analisar tais práticas percebe-se que elas mantêm, sustentam e organizam a vida, desfocando-se, assim, a representação da escrita pela ótica política e econômica e privilegiado-se a oralidade, as formas de transmissão pelo operatório, modos de

fazer, o cotidiano.

3.2.1. Mulheres da pesca: guardiãs de saberes e fazeres em Arraial do Cabo

Abordar a temática acerca das mulheres da pesca pede que a categoria analítica do gênero seja entendida. Este trabalho utiliza a definição de Scott (1989) para quem gênero representa a organização social da relação entre os sexos, significando a construção de papéis sociais esperados para homens e mulheres e manifesta sempre uma relação hierárquica de poder, na qual homem tem mais poder e mulher menos.

Assim, os estudos dedicados a pensar as atividades das mulheres na pesca demonstram que há uma invisibilização de seus trabalhos, na medida em que se concentram em atividades extensivas ao âmbito doméstico ou em trabalhos considerados mais “leves” (MELO, 2015; FIGUEIREDO, 2014). Segundo Paulilo (1987) a categoria leve e pesado nada tem a ver com as condições de trabalho, mas com quem o realiza e nesse sentido, o trabalho desempenhado por mulheres é sempre considerado leve, enquanto o realizado por homens, pesado.

Conforme já mencionado as mulheres entrevistadas em Arraial do Cabo que utilizam da arte para a preservação da pesca artesanal se encontram nas atividades de: confecção de bijoias, rendas de bilros e gastronomia. No entanto, algumas começaram a se organizar em cooperativas, composta majoritariamente por mulheres, como é o caso da “Sol, Salga e Arte” com 70% das cooperadas mulheres (a maioria marisqueiras) e 30% de homem; já a cooperativa “Mulheres Nativas”, localizada na praia Grande todas são mulheres. Parece que o tradicional papel destinado às mulheres começa a ser redimensionado. Ambas as presidentes são desenvoltas e aparecem como sujeitos políticos, que por meio da resiliência e persistência na defesa dos valores atrelados a pesca artesanal conseguem aparecer na cena pública local. A cooperativa “Mulheres Nativas” teve um prato premiado na Feira Literária de Paraty no ano de 2018, o “peixe escalado com banana”, prato típico da pesca de Arraial do Cabo, que nos foi apresentado por Cleusinha.

Cleusinha apareceu como interlocutora principal vide a destreza ao apontar onde se localizam pessoas envolvidas com algum tipo de expressão cultural artística e a forma como articula os saberes locais para garantir a visibilidade da cultura pesqueira, valorizando outros atores envolvidos nessas expressões. Ela costura um lugar político sem enfrentamento direto aos homens, apesar de reconhecer toda a organização social e de gênero da pesca. A identidade de “Mulher da Pesca” é construída como via de costurar redes alternativas de poder, sem a disputa num ambiente marcado pela cultura patriarcal, onde os homens e as próprias mulheres reafirmam que a pesca é reduto masculino. Por isso, se diz “Mulher da pesca” e não pescadora. Ela alega “Porque nós não nos caracterizamos como pescadoras, nós damos o mérito pra eles, porque mulher que pesca mesmo a gente conta nos dedos”. Percebe-se que a identidade como pescadora não faz parte de sua luta, no entanto, o reconhecimento como partícipe da pesca se dá quando afirma que são “mulheres da pesca”.

A Cooperativa “Sol, salga e Arte” tem por objetivo retomar práticas culturais, como a salga do peixe e outras práticas que envolviam as festividades dos pescadores, a fim de valorizar cultura tradicional da pesca artesanal e gerar renda. Ao abordar o objetivo da cooperativa Cleusinha relembra os tempos antigos na pesca artesanal, quando as crianças participavam lavando o peixe e as mulheres eram, principalmente, salgadeiras. Rememora um momento, “um tempo bom demais”, a nostalgia aparece e invoca a repetição dos gestos, agora por meio do trabalho coletivo na cooperativa.

O objetivo é geração de trabalho e renda. Antigamente o benefício da salga do peixe era feito por mulheres. Isso é tradicional em Arraial do Cabo, a salga do peixe. E as mulheres faziam pra aumentar a renda. E elas levavam as crianças pra praia, porque elas ajudavam a lavar o peixe. E a nossa cooperativa quer resgatar tudo isso, inclusive as danças as músicas, toda a tradição de Arraial que ficou um pouco esquecida. E peixe salgado as crianças quase nem conhecem, agora que estão conhecendo por conta da cooperativa. Mas a comida típica de arraial, a base era o peixe salgado. Peixe assado na brasa, ia pra restinga e levava a brasa e comia com farinha, ai que delícia! (Depoimento Cleusinha, 2017).

Além disso, ela expõe que é o trabalho feminino que agrega valor ao pescado, pois as mulheres esvisceram, fileteiam, limpam, catam mariscos, comercializam e que os homens só retiraram o pescado do mar, deixando as demais tarefas para as mulheres. “Eles só fazem isso...pescar. Chega lá pia e faz assim “Você que se vire!””. Ou seja, o trabalho das mulheres, principalmente na cozinha, no beneficiamento do pescado é de fundamental importância para a manutenção e subsistência da própria família. Todo o dinheiro recebido pelas mulheres é repartido com a família. Ao mesmo passo que se deseja retomar práticas antigas, essas são reinventadas no presente, porque, segundo a presidenta a “cozinha de hoje exige praticidade”. Assim, a cooperativa trabalharia salgando o peixe filetado e embalando a vácuo. Ela manifesta o desejo de que o peixe assim possa englobar o programa de aquisição de alimentos e fazer parte de cestas básicas, da mesma forma que a carne seca consegue compor a cesta.

A busca pela retomada dos gestos, principalmente, das mães demonstra o quanto essa figura foi influenciadora da construção não só da personalidade, como da inventividade, da criatividade para burlar, por vezes, a escassez de alimentos, mas por meio da comida conseguia amar e nutrir seus filhos. Cozinhar é um gesto de amor. Isso se expressa nesta fala de Cleusinha “Mãe fazia isso quando ela ia na restinga lavar roupa: Farinha com peixe, um bolinho assim...dá “água na boca da gente”! Quando o peixe tava muito salgado sabe o que que mãe fazia? A sopa d’água”. Isso demonstra o quanto as mães transformavam o alimento, com inteligência e capacidade criadora.

Elas criavam em cima dos recursos provenientes da pesca e com isso caracterizavam a própria pesca artesanal. O mulato velho (peixe salgado, cozido no bafo com legumes) e peixe escalado (salgado) com banana são conhecidos pelas comunidades de pesca de Arraial do Cabo. São pratos típicos, que todos os pescadores conhecem, ou seja, integram a cultura artesanal. Manter as tradições vivas é ter um lugar no mundo, é sentir-me pertencente de um grupo, é manter viva a própria família, é resistir e existir no tempo. A fala de Angélica, também cooperativada da “Sol, salga e arte”, é emblemática nesse sentido.

Arraial do Cabo não é uma cidade turística, é uma cidade pesqueira. Então se a gente deixar a nossa cultura morrer que a gente vai dizer pros nossos netos depois? De onde viemos? Qual o nosso reduto? Tá entendendo? A nossa cultura, nossa origem, então a gente está correndo atrás de um museu pra contar a nossa história, a história dos pescadores. Pras futuras gerações saberem de onde nós viemos. E não deixar a cultura morrer porque é chato, né? Foram nossos antepassados...que graças a eles nós estamos aqui...foi muita mamadeira de pirão, muita mamadeira de angu. É, meu filho, a gente era criado desse jeito, não tinha esse negócio...era leite tirado na hora das vacas que tinha por aí, como é? Das cabritas. E assim a gente vivia. Se não fosse eles...como que eu vou deixar meus antepassados morrerem? Não tem como! (Depoimento Angélica, 2017).

A memória se manifesta assim com um valor inestimável. Enquanto ela perdurar a cultura dos antepassados encontra formas de sobrevivência, a cultura dos antepassados que é a própria cultura da pesca. Assim atua o imaginário, ajudando a elaborar estratégias para pensar

um futuro. A necessidade do cooperativar-se surgiu como uma tentativa de pensar coletivamente as demandas dos pescadores e pescadoras, em buscar meios de subsistir evitando a individualização da vida. Num mundo capitalista em que a pesca artesanal esbarra em inúmeros conflitos, inclusive com a pesca industrial (que retira toneladas de pescados do mar) é urgente organizações que possam enfrentar os problemas coletivamente.

A vida na pesca é pobre (monetariamente), ainda assim as mulheres cooperativadas (Sol, Salga e Arte) alegam que não existe vida melhor. Estabelecer uma relação de sustentabilidade com a natureza, o tempo de trabalho segundo as necessidades, a “boniteza” do ser pescador e mulher da pesca são alguns dos argumentos que ajudam a entender porque, apesar de não ser uma atividade econômica tão rentável, a pesca busca meios de resistir. Saber de onde viemos ajuda a pensar onde queremos chegar. Esse outro relato demonstra como era a vida, antigamente na pesca e a organização sexual do trabalho entre homens e mulheres. Como o peixe era comercializado, as crianças comiam peixe em um dia da semana. Nos demais, era o “bucho do peixe”, mamadeira de pirão ou fubá.

As crianças catavam o bucho, catava limpava e levava pra casa pra tomar café de manhã. As mulheres faziam o beneficiamento. Então, o beneficiamento antigamente era assim: abria-se o peixe como uma borboleta, depois de retirar a cabeça. Aí retirava-se as vísceras, dava uns talhos na espinha. As crianças levam para beira do mar pra lavar. Aí as mulheres, depois que as crianças lavavam, jogavam sal (grosso) dentro dos talhos próximos a espinha. Dentro dos talhos...e as mulheres salgavam. Aí colocava um em cima do outro e ia colocando, colocando sal e colocando um em cima do outro. Deixava dois dias, dentro do paiol. Os homens também colhiam o marisco nas pedras e mergulhavam para pegar o marisco e as mulheres beneficiavam, catavam lenha pra cozinhar o marisco. Então o tradicional de Arraial do Cabo é o marisco cozido na lenha (Depoimento Cleusinha, 2017).

A arte culinária, expressa no trabalho das salgadeiras, agora reinventada pela cooperativa “Sol, salga e arte” é uma linguagem que se transmite nos gestos e se inscreve na cultura da pesca, fazendo com que o modo artesanal de vida seja levado em consideração. A organização coletiva, busca exatamente atribuir valor à história do município de Arraial do Cabo, alegando que não é turístico e sim pesqueiro. Buscam, desse modo, incentivar o turismo de base comunitária que possa contar a história da cidade a partir dos pescadores e do universo simbólico da pesca.

4. CONCLUSÕES

As mulheres da pesca parecem deter um papel-chave, aparecendo como transmissoras de um saber informal e lutam pela preservação da cultura pesqueira, desenvolvendo o papel de “guardiãs das tradições”. O trabalho “invisível” das mulheres na história oral é de suma relevância para a transmissão dos saberes para outros membros familiares com potencial de expandir para outros grupos, tendo um papel de preponderância sobre os homens em criação de redes de sociabilidade, incremento do capital social para a comunidade, que auxiliam na criação de tecnologias sociais. Assim, suas histórias, estratégias de ação para a reprodução da comunidade que vive, simbólica e materialmente da pesca merecem ser analisadas.

Realizar uma análise sobre a cultura da pesca artesanal e contemplar o gênero como categoria pressupõe valorizar os saberes tradicionais das comunidades do município estudado, bem como, conhecer as referências culturais que os pescadores (as) atribuem ao seu contexto. Suas práticas, vivências, estratégias para garantir a coesão do modo de vida artesanal e as formas que empreendem de reforço ao sentimento de pertencimento podem auxiliar na

compreensão de como se organizam para solucionar conflitos e se colocam na cena pública municipal, resistindo às inúmeras investidas da pesca industrial e da ausência de atenção das políticas. O estudo sobre esses aspectos e conhecimento de suas práticas culturais e tradicionais podem fomentar políticas culturais/sociais para a categoria da pesca que reconheçam o rico patrimônio dessas comunidades.

As mulheres, por serem responsáveis em grande parte pela perpetuação do modo de vida da pesca artesanal, guardam um saber tradicional que merece ser estudado. Por muito tempo foram desconsideradas nas pesquisas. Aplicar uma análise que leve em conta o gênero e considerá-las como guardiãs de tradições, pressupõe um olhar atento sobre as complementariedades que seus papéis adquirem na prática e os caminhos que percorrem para se estabelecerem em posições de legitimidade. Buscar compreender as simbologias que fazem parte do universo da pesca artesanal, retomando o imaginário como construção social histórica, capaz de fornecer coesão a esse modo de vida, bem como compreender as estratégias e lutas femininas para se constituírem enquanto agentes políticos de preservação da pesca artesanal guarda uma relevância, na medida em que são esses valores que estruturam ações coletivas mais amplas e explicam as justificações que se constroem na defesa e resistência desse modo de vida. As mulheres, ao contrário dos homens na pesca não negligenciam a dimensão do afeto no fazer política e essa alternativa merece ser entendida a fundo, na medida em que se constitui em uma das formas de costurar “redes” alternativas de poder. Elas trazem a alegria, a garra e força de vontade de perpetuação da pesca artesanal, se colocando como atores imprescindíveis na luta pela manutenção das comunidades pesqueiras.

5. REFERÊNCIAS

BAUER, M; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BEGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Trad.: Floriano de Souza Fernandes. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1985

CASTORIADIS, C. O imaginário: a criação no domínio social-histórico. In: **As encruzilhadas do labirinto II**: os domínios do homem. Tradução de José Oscar de Almeida Marques, revisão de Renato Janine. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: v 1. **Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 20. ed. 2014.

GIARD, Luce. Segunda parte: Cozinhar. In: CERTEAU, M. de, GIARD, L; MAYOL, P. A invenção do cotidiano: v. 2 , **Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 12. ed. 2013.

DIEGUES, A. C. S. **Povos e mares**: leituras em sócio-antropologia marítima. Nupaub. São Paulo. 1995

FIGUEIREDO, M. M. A.; PROST, C. O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal. **Revista feminismos**. v. 2, n. 1 jan-abr. 2014. Disponível em: www.feminismos.neim.ufba.br Acesso em: 02 fev. 2018.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Tradução Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 3. reimpr. Rio de Janeiro: 2008.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

GUERRA, I. **Modos de vida: novos percursos e novos conceitos**. Sociologia: Problemas e Práticas, 13, 59-74, 1993

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário Nacional de Referências Culturais**. Manual de Aplicação. Brasília: DID, 2000.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67 – 76.

KOURY, M. G. P. Enraizamento, pertença e ação cultural. **Revista Cronos**, v. 2, n. 1, p. 131-137. 16 fev. 2001.

MELO, M. J. B. B. de. **As relações de gênero no trabalho e na organização social e política das mulheres marisqueiras da Ribeira na Paraíba**, Florianópolis, SC. (Tese Doutorado), 2015.

NASCIMENTO, G. do, CHAVES, C. M., RIBEIRO, N. S.; HELENA, L. Da rede à mesa, da madeira ao barco, da pesca ao ser (p. 50-59). In: TIMÓTEO, G. M. **Pescarte: arte e vida, trabalho e poesia**. 1 ed. Campos dos Goytacazes, RJ: EDUENF, 2019

PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. In: **Revista Ciência Hoje**, n. 28. Rio de Janeiro: SBPC, 1987.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1989.

SILVA, L. G. S. da. **Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil**. Coord. Antônio Carlos S. Diegues. São Paulo: CEMAR/Universidade de São Paulo, 1993.

SOUZA, S. R. de, RIBEIRO, N. S.; MARTINEZ, S. A. Mulheres em comunidades pesqueiras no Brasil: um balanço da produção em teses e dissertações (2007-2017) (p.21-50) In: **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil** [recurso eletrônico]. Organização de Silvia Alicia Martínez e Luceni Hellebrandt. Campos dos Goytacazes, RJ : EDUENF, 2019

WOORTMANN, E. F. Da complementariedade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades ‘pesqueiras’ do Nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 7, n.18, p.41-60, fev. 1992.